

ACHADOUROS DE UMA ESCUTA DO OUTRO E DO EU: VESTÍGIOS ENCONTRADOS NO “QUINTAL BAKHTINIANO”

Simone Damm Zogaib¹

Resumo: Texto que discute a escuta do outro e do eu como uma possibilidade de contribuição para a aprendizagem e o ensino da Matemática na educação infantil. Apresenta na discussão os conceitos referentes à escuta como atividade humana, que pressupõe tempo disponível para o outro em sua alteridade, diálogo como condição precípua e como ferramenta no processo de compreensão aproximada do que o outro pensa, sente, fala. Baseia-se em um estudo bibliográfico de Bakhtin (2003, 2006, 2010) e de interlocutores das ideias bakhtinianas como Bassinello (2012), Caracelli (2012), Ponzio (2012). Conclui que os achados iniciais deste estudo contribuem para recolocar a suposição de que a escuta da matemática vivida pelas crianças na escola pode contribuir para a aprendizagem e para o ensino da Matemática na educação infantil.

Palavras-chaves: Escuta do outro. Aprendizagem. Ensino. Matemática. Educação Infantil.

Abstract: Text that discusses listening to the other and the self as a contribution to the learning and teaching of mathematics in early childhood education. It presents in the discussion the concepts related to listening as human activity, which presupposes time to the other in its otherness, dialogue as a primary condition and as a tool in the process of approximate understanding of what the other thinks, feels, speaks. It is based on a bibliographical study of Bakhtin (2003, 2006, 2010) and of interlocutors of the bakhtinian ideas like Bassinello (2012), Caracelli (2012), Ponzio (2012). It concludes that the initial findings of study contribute to the supposition that listening to mathematics experienced by children in school can contribute to the learning and teaching of of mathematics in early childhood education.

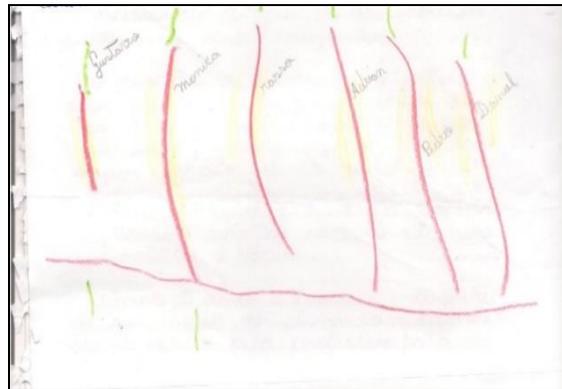
Keywords: Listening to the other. Learning. Teaching. Mathematics. Early childhood education.

¹ Doutoranda em Educação pelo PPGE/CE/UFES na linha de pesquisa Educação e Linguagens: Matemática. Bolsista CAPES. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe - UFS. E-mail: simonedammzogaib@gmail.com

1 ESCUTEI MARIA QUE ESCUTOU JOÃO...

Muitas vozes, sons, cores e silêncios. O que escrevo aqui e agora, em forma de ensaio, é resultante (não resultado) de diversas e diferenciadas escutas. Apresentar um texto é como tocar/escutar “As Fugas de Bach” ainda como aprendiz de intérprete. Minha professora de piano dizia: “Quando você toca, eu preciso escutar as vozes fugindo umas das outras, preciso escutar quando elas se encontram, e também quando uma das vozes é mais forte que as outras”. De forma análoga, comecei a pensar que, durante os anos como aluna e como professora, muitas foram as vozes, os olhares, os gestos, as cores, os silêncios fugidios e “encontrantes” de alunos, colegas, professores, escolas, deveres, textos e desenhos. Este texto que ora se inicia é como uma fuga bachiana/bakhtiniana em que se escutam vozes, silêncios e histórias, às vezes fugindo para se encontrar, outras vezes vibrando em tons mais intensos e predominantes. Hoje, o que pretendo registrar são algumas dessas escutas, evidenciando aquelas que foram se tornando foco das minhas inquietações atuais de pesquisa.

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira. E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos — O verbo tem que pegar delírio. (Manoel de Barros, 2011)



Desenho de João, 5 anos

Se eu não tivesse escutado, eu teria considerado errada a solução do problema.
(Maria, Licencianda em Pedagogia, 2014)

A criança que escuta a cor dos passarinhos, de Manoel de Barros. O desenho de João² em traços longilíneos vermelhos e verdes. A expressão “se eu não tivesse escutado...”, de Maria³. Três momentos distintos, três escutas que se entrelaçam no presente e emprestam razão de ser

² Nome fictício de uma das crianças que realizou uma atividade de resolução de problemas matemáticos, representando-a por meio de desenho.

³ Nome fictício da aluna do curso de Pedagogia que realizou a atividade de resolução de problemas com crianças da educação infantil, como parte de pesquisa proposta na disciplina Alfabetização Matemática, ministrada pela autora na Universidade Federal de Sergipe – UFS.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 22-33, jul./dez. 2017.

à escrita deste ensaio. Em 2007, o primeiro encontro com a “escuta da cor”, o que causou estranhamento e desejo/curiosidade de saber seus sentidos e significados. Era uma reflexão pessoal, que não tinha pretensões científicas/metodológicas, mas que deixava aquela impressão de que é possível escutar a cor dos passarinhos com as crianças.

Em 2014, um encontro com o desenho de uma criança de cinco anos, de uma escola de educação infantil. Diante do problema de distribuir igualmente os lápis para cada colega da classe, João entregou um lápis para cada coleguinha, com exceção de um deles, ficando com dois lápis para ele próprio. No desenho, ele representa cada colega com um traço vermelho e, acima, cada lápis distribuído com um traço verde. Os dois traços verdes abaixo representam os dois lápis que ficaram com ele. E foi dessa forma que ele solucionou o problema.

Maria quis saber por que João resolveu o problema daquela forma, deixando um dos colegas sem o lápis, ao que ele respondeu “é porque eu não gosto dele, tia!”. Quando Maria apresentou o desenho para a turma de licenciandas em Pedagogia, em que eu atuava como professora, uma expressão de sua fala saltou-me aos ouvidos: “se eu não tivesse escutado... eu teria considerado errada a solução do problema”. Naquele instante, a reflexão de anos antes sobre a escuta da cor, o desenho de João, a expressão de Maria se encontraram comigo e em mim. E pensei: a escuta do outro pode ser um caminho para a aprendizagem e o ensino da Matemática na educação infantil. Pode?

Aquela pergunta acompanhou minha trajetória como professora do curso de Pedagogia e comecei a pensar seriamente que escutar minhas alunas (o Outro) seria um dos caminhos para me constituir como professora (Eu). Lembro que, ainda em 2014, solicitei que escrevessem cartas, contando suas histórias com a Matemática quando eram crianças. Recebi cartas com muitas lembranças. De um modo geral, recordavam dos numerais que tiveram que repetir e ampliar a cada ano que passava; das contas, que também ficavam maiores sempre; das quatro operações e das dificuldades com multiplicação e divisão; da tabuada, companheira constante; das frações em pizzas e em barras de chocolate, das expressões numéricas, dos problemas. Sinto dizer que, em geral, as lembranças vieram acompanhadas de expressões como decoreba, castigo, palmatória, sabatina, medo. Eram minhas tentativas de “escutar a cor” da aprendizagem e do ensino da Matemática na infância daquelas futuras professoras.

De repente, mas não muito repentinamente, me dei conta de um silêncio, um espaço, um “nada a declarar”. Em nenhuma carta, havia qualquer lembrança ou referência à geometria. Nem sequer das famosas figuras geométricas. Se fosse uma música, talvez seria uma pausa. Um período de silêncio. Em música, o tempo das pausas são muito significativos. Em pesquisa, o espaço oco na lembrança não o seria? Uma pausa aqui. Guardei aquele silêncio por um tempo, até que se configurou em projeto de pesquisa, sob a temática da geometria na infância, para o Doutorado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

Diante dos diversos conceitos presentes na problemática de pesquisa e que ainda necessitam ser estudados e aprofundados teórica e metodologicamente, evidenciou-se a escuta do outro, especialmente da criança e da matemática/geometria que ela vive. Assim, a pretensão deste texto é apresentar os achadouros de uma escuta, nos encontros com Bakhtin e seus interlocutores. A pergunta norteante parece pequena e simples, mas revestiu-se de complexidade: o que é a escuta do outro? Parafraseando Manoel de Barros, posso agora dizer que “sou hoje caçadora de achadouros da escuta. Vou meio dementada e enxada às costas cavar no quintal vestígios de escutas enterradas, guardadas, escondidas.”⁴ A sensação é a de encontro dos primeiros vestígios, o que significa que ainda há muito a escavar, a buscar. O que agora escrevo consiste no desvelar desses achados primeiros e das compreensões/relações possíveis para este momento.

2 A ESCUTA DO OUTRO E O OUTRO DA ESCUTA

“Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila de nossos olhos.”

(BAKHTIN, 2003, p. 44)

⁴ O trecho original de Manoel de Barros: “Sou hoje um caçador de achadouros da infância. Vou meio dementado e enxada às costas cavar no meu quintal vestígios dos meninos que fomos” (Do livro Memórias Inventadas - A Infância).

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 22-33, jul./dez. 2017.

Quando comecei a pensar na questão da escuta do outro/criança da pesquisa, imaginava a iniciativa do diálogo como sendo somente minha, como se fosse uma via de mão única, em que Eu seria a construtora (especialmente como pesquisadora), o ponto de partida, e o Outro, o constructo, o ponto de chegada. Então, ao escavar o “quintal bakhtiniano”, comecei a descobrir não somente a escuta do outro, mas o outro da escuta, em encontros, em interação, nos acontecimentos. É nessa interação que nos constituímos como seres humanos, como sujeitos. É para essa arquitetônica da relação (eu-para-o-outro, outro-para-mim, eu-para mim), que Bakhtin vai levando a nossa atenção.

Nessa arquitetônica, o eu-para-o-outro tem importância fundamental, pois eu vou me constituindo pelas ofertas do outro, que me faz viver, existir, romper os meus limites fechados, prontos e estabelecidos. Eu sou pensada pelo outro, existo e penso. Praticamente tudo que a mim se refere chega pela boca e entonação dos outros. É uma relação de alteridade com o outro que não é igual a mim, mas é equipotente e, dessa forma, oportuniza a extensão, o alargamento do meu ser e, nesse mesmo movimento, é invadido por mim, e também se estende e se alarga (BAKHTIN, 2003).

O outro oferece uma visão que eu não tenho, nem posso ter de mim mesmo, um excedente de visão a meu respeito. Dá a dimensão externa que preciso para me constituir. O meu aspecto físico e externo, por exemplo, “não entra no horizonte concreto de minha visão efetiva” (BAKHTIN, 2003, p. 48). Posso pensar internamente o meu corpo no mundo exterior, mas minha visão não auxilia esse pensamento com uma imagem correspondente. Até mesmo em meus sonhos, naqueles em que estou atuando como personagem principal, não apareço ou me situo no mesmo plano de expressividade física de outras personagens. Eu estou na fronteira da minha visão e só posso ver o mundo visível que se estende à minha frente; se olhar em todas as direções, verei em torno de mim, mas não a mim mesmo cercado por esse espaço. É na palavra do outro, que eu me descubro e me transformo. O início da minha vida, o meu nascimento, eu o sei pela boca do outro. Até a minha morte, não sou eu quem a vivencio. São os outros. Os dois grandes silêncios do existir, o nascimento e a morte, e a própria existência são marcados pela relação com o outro.

Nesse movimento, entretanto, há que se ressaltar que existe também o excedente constante de minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro: outro-para-mim. Ou seja, “um conjunto de atos internos ou externos que só eu posso pré-formar a respeito desse outro e que o completa justamente onde ele não pode completar-se” (BAKHTIN, 2003, p. 45). Sou eu quem vivo as fronteiras do outro. Ele está diante de mim e posso vê-lo em seus aspectos físicos, mas também em sua dor, na contração de seus músculos, ou no sorriso de seus olhos, quando expressa alegria.

Esse excedente de minha visão a respeito do outro e vice-versa se dá a partir do lugar único que ocupamos no mundo, como contempladores, observadores, experimentadores únicos, situados e encarnados, vivendo em determinados tempos e espaços. Nessas relações espaço-temporais, cada ser humano é um centro de valores em interação com outros, produzindo sentidos, significações e valores a partir de seu lugar e posição única no mundo, transformando e sendo transformado, enriquecendo e sendo enriquecido na constituição do humano (BAKHTIN, 2010).

Esse encontro entre o outro e eu, entre dois centros de valores com seus excedentes de visão, que enriquece e transforma, que nos constitui como sujeitos, pressupõe o que Bakhtin chama de empatia e exotopia. Ou seja, colocar-me no lugar do outro e ver o mundo através de seu sistema de valores, mas depois, voltar ao meu lugar, “completar seu horizonte com tudo o que se descobre do lugar que ocupo, fora dele; devo emoldurá-lo, criar-lhe um ambiente que o acabe, mediante o excedente de minha visão, de meu saber, de meu desejo e de meu sentimento” (BAKHTIN, 2003, p. 46).

É quando volto ao meu lugar, eu-para-mim, que se processa a atividade de criação e acabamento. É, então, que o material recolhido no processo de empatia “poderá ser pensado nos planos ético, cognitivo ou estético (BAKHTIN, 2003, p. 47). De modo similar, “na vida, depois que vemos a nós mesmos pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos; e o acontecimento último, aquele que parece-nos resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida” (BAKHTIN, 2003, p. 38). É em mim, no lugar que eu ocupo, na minha posição, que acontece o processo de acabamento do outro e de mim mesmo, em que os processos de empatia e exotopia levam à compreensão da vida.

Em um dia desses de pesquisa de campo, eu estava em uma escola de educação infantil e conversava com as crianças sobre os desenhos que haviam feito, a pedido da professora. Eu queria escutá-las a respeito do que estavam desenhando e o que significava para elas, quem sabe, compreender por empatia. A figura 1 é de um desses desenhos, e minha conversa com Leonardo, o autor do desenho foi assim:

Figura 1 – “Do lado da porta”



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017)

Eu: E aí, Leonardo, que casa bonita! De quem é?

Leonardo: É minha!

Eu: E quem é esse aqui perto da casa?

Leonardo: Eu, tia!

Eu: Só você mora na casa, Leonardo?

Leonardo: Não, minha mãe tá lá dentro, na cozinha. E meu pai tá trabalhando.

Então, fiquei curiosa em saber se ele já tinha noção de direita e esquerda, tendo como referência um objeto, a casa, por exemplo. Confesso que, ao fazer a pergunta, no fundo, esperava uma resposta alusiva à direita ou esquerda. Perguntei, então:

Eu: E de que lado da casa você está, Leonardo?

Leonardo: Do lado da porta, ora! (Diário de campo da pesquisadora, 19/05/2016)

Quando me aproximei de Leonardo para conversar, tinha a intenção de escutá-lo para entender o quê e como ele estava pensando ao desenhar. Ao perguntar sobre quem mais morava na casa, esperava uma resposta do tipo mãe, pai, irmãos. Mas, ele me respondeu que a mãe estava na cozinha e o pai estava trabalhando. Logo, os dois não poderiam aparecer no desenho. E quando perguntei de que lado da porta ele estava, querendo como resposta a utilização dos termos direita e esquerda, ele me respondeu com a sua referência: do lado da porta, ora. A expressão daquele garotinho de cinco anos e a inclusão do termo ora carregaram as palavras de uma obviedade, como quem me dissesse: eu sei onde estou, você não está vendo?

Hoje, ao escrever sobre esse episódio e, após ter estudado alguns dos temas bakhtinianos, ainda que incipientemente, começo a compreender os processos de empatia e exotopia, o eu e o outro como centro de valores, os excedentes de visão que nos constituem como sujeitos nas relações, nas interações, nos acontecimentos mediados pelo diálogo entre o outro e eu. Também compreendo melhor aquela expressão da minha aluna de Pedagogia - se eu não

tivesse escutado... pois, esse encontro entre os excedentes de visão, essa arquitetônica da relação entre o outro-eu-outro se dá desde uma prática de escuta. É da escuta que emergem os processos de compreensão.

3 DA ESCUTA QUE É DIÁLOGO COM O OUTRO

A escuta é diálogo substancial, uma vivência, uma relação, que pressupõe a não-indiferença ao outro, que considera o eu e o outro como dois centros de valores correlatos entre si e, em torno deles acontecem os momentos concretos do existir (BAKHTIN, 2003, 2006). É nesse encontro, nesse diálogo que há escuta, e é na escuta que se consubstancia o diálogo. Nesse contexto, então, os dois são um, únicos, inéditos, virginais.

O resultado do diálogo é inédito e virginal em relação aos repertórios individuais das pessoas que conversam, ou seja, o eu individual de cada um de nós que é um presente do diálogo, da vivência do ato da fala, da singularidade, da eventividade” (PONZIO, 2012, p. 50).

É significativo pensar essa singularidade, eventividade do diálogo, vivenciada, por exemplo, no momento da pesquisa na escola, da escuta de crianças ou de professores. Aquele tempo disponibilizado para a escuta do outro, para o diálogo é irrepitível, “um momento em que as pessoas dizem coisas que não diriam se não estivessem conversando com outra pessoa [...] em que se pegam falando coisas que não tinham programado falar” (BARROS FILHO, 2012⁵ apud BASSINELLO, 2012, p. 324 - 325).

Ao pensar na eventividade do diálogo e em seu caráter irrepitível, lembrei-me de outro episódio na escola-campo de pesquisa, no tempo e espaço da roda da conversa. Permitam-me trazer um trecho de minhas anotações de campo.

Após concluírem os desenhos, a professora da turma convidou-os a sentar na roda da conversa. Eles já sabem o que devem fazer e logo se assentam no chão. Notei que as crianças se sentem muito à vontade para contar as novidades. Dessa vez foi a Íris quem começou a falar:

Íris: Tia, eu fui ao aeroporto!

Professora: É mesmo?! Conte mais...

Íris: Foi. Daí eu vi os aviões e eles são muito grandes, muito grandes mesmo! (abre os braços pra indicar o tamanho). Mas, quando eles tãõ no céu, eles ficam bem piquinininhos. (aproxima os dois dedos da mão, polegar e indicador, para mostrar como ficam pequenos)

⁵ A autora cita uma reportagem de uma companhia aérea brasileira com o tema *Diálogos: conversando é que a gente voa junto*, escrita pelo Prof. Clóvis de Barros Filho.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 22-33, jul./dez. 2017.

Eu, aproveitei a história e disse: Eu tenho uma dúvida. Será que quando está voando lá no alto, o avião diminui de tamanho?

Ao que Amanda, imediatamente levantou o braço e respondeu: Não, tia! Ele não diminui de tamanho, não. É que ele tá muito longe e aí parece pequeno.

Foi, então, que Leonardo entrou na conversa: Se eu fosse um anjo...e voasse até onde o avião tá, ele tava do mesmo tamanho (Diário de campo da pesquisadora, em 10/10/2016).

Colocar-me fora do momento desse evento com as crianças me leva a algumas considerações:

- a) a eventividade e a irrepetibilidade desse diálogo, que só foram possíveis porque nos dispomos a conversar naquele tempo e espaço; b) o lugar e posição únicos que cada um ocupa nessa relação, com seus saberes, entendimentos e valores; c) os saberes matemáticos que afloram durante a conversa, como a questão da conservação de forma e tamanho do avião e;
- d) as possibilidades de mudança do outro e do eu através da escuta, do diálogo.

4 DA ESCUTA QUE SIGNIFICA T-E-M-P-O

Fiquei pensando naquela roda da conversa e na necessidade de se colocar em posição de escuta para a vida com o outro, para a relação professor-criança, para a aprendizagem na escola e fora dela. Bassinelo (2012, p. 321-322) afirma que, para se colocar nessa posição, é preciso “dar tempo ao outro, o outro de mim, o outro eu; dar tempo e dar-se tempo [...]. Não há um tempo de escuta, há um tempo de querer escutar”. E esse tempo necessário para as relações humanas e, inclusive, para as pesquisas, não é de qualquer tipo, é um tempo para a alteridade. Porque, é possível “gastar” o tempo com o outro, mas não para escutá-lo.

Trata-se de fomentar o tempo da alteridade [...] é o tempo da escuta da palavra outra, do tempo disponível para o outro que vai se difundindo e incrementando uma outra modalidade de viver o tempo: o tempo de ‘ser de outro modo’, o tempo disponível para a alteridade, o tempo que tem uma efetiva consistência, uma materialidade específica, isto é, aquela do encontro com a palavra outra que a escuta (BASSINELO, 2012, p. 326).

Há muitos anos, ouvi um palestrante ressignificar a palavra amor, sugerindo que a soletrássemos como T-E-M-P-O. Porque quem ama dedica tempo à pessoa amada. Penso que poderia parafrasear essa ressignificação e também soletrar a palavra escuta como T-E-M-P-O. Porque quem escuta, dedica tempo para que o outro exerça o seu direito de ser outro, é fomentar esse tempo para a escuta do outro em sua alteridade. Seria, então, uma escuta alteritária e ativa, além da audição, pois se interessa pela pessoa em sua complexidade na

concretude dos acontecimentos. Uma escuta que propicia a busca do não-dito, do não-óbvio, para não cair na armadilha de silenciar o outro. “É preciso buscar palavras outras. E essa busca se dá pelo ato de deixar-se calar, de deixar-se tocar, de deixar-se ser afetado pela palavra do outro, por palavras outras” (CARACELLI, 2012, p. 69).

5 DA ESCUTA QUE COMPREENDE E RESPONDE

Essas palavras outras trazem consigo a sua expressão, a sua entonação que, na relação com o outro, eu posso escutar, compreender e responder. A escuta, portanto, pressupõe *compreensão responsiva ativa* (BAKHTIN, 2003). Nessa relação dialógica, quem escuta, compreende e adota uma atitude de resposta: concorda, discorda, adapta, faz acontecer etc. Mas, nem a escuta, nem a compreensão, nem a resposta acontecem de forma pré-fabricada. São únicas, singulares e irrepitíveis. “Nascem ali, no encontro, no ponto de contato de uma voz e outra, de uma consciência e outra” (CACARELLI, 2012, p. 69). E o outro e eu saem modificados, naquele momento, naquela situação, com aquelas pessoas e não com outras.

Relembro agora os dois episódios com as crianças, apresentados. Foram únicos, singulares e irrepitíveis. Aconteceram naquele momento, com aquelas crianças e não com outras. E penso que, mesmo que eu tivesse planejado uma abordagem com perguntas em que eu até imaginasse as respostas, o inesperado se fez presente na relação, no diálogo, na escuta, na compreensão. E eu saí modificada, enriquecida daqueles encontros. No atual momento, compreendo um pouco mais o que significa dizer que a escuta é peculiar do ser humano e pressupõe compreensão responsiva. Aquela escuta me fez lembrar, fazer relações, pensar no que pensava anteriormente, e também comunicar neste texto algumas dessas ideias. E, quem sabe, mobilizar outros atos, reflexões, posições tanto minhas, como de outras pessoas. Ou, talvez, transgredir aquela tradição de querer ouvir o que sabe, não aquilo que escuta. Todas essas, enfim, atitudes responsivas de quem compreende, porque escuta.

6 AINDA NO QUINTAL, ENTRE OS ACHADOUROS DE UMA ESCUTA

O encontro com Bakhtin nesse quintal de ideias sobre a escuta é de primeiros passos de um processo de escuta, e se utilizar a analogia da escavação do poema de Manoel de Barros, estou começando o processo e tocando apenas a superfície das ideias. Isaac Newton expressou que, em relação ao conhecimento, sentia-se como uma criança catando conchas na praia, enquanto existia um oceano de descobertas a serem feitas. Penso ser uma ilustração significativa para este momento.

A pergunta que parecia simples “o que é escuta do outro?” para a discussão neste texto, como mencionei, revestiu-se de complexidade. Encostada em uma árvore do quintal, analisando os achados em relação ao tema, ou contando as conchas que consegui recolher na praia, compreendo neste momento que a escuta é uma atividade peculiar do ser humano, tornando-se possível quando se disponibiliza tempo para o outro, em sua alteridade. Pressupõe o diálogo na relação marcada pelo encontro, pelo inédito, pela vivência e não-indiferença ao outro, e por isso mesmo, cada diálogo e cada escuta estão carregados do imprevisto, da singularidade e da eventividade. São surpreendentes, únicos e virginais. É uma escuta alteritária que envolve mais do que ouvir. Está relacionada ao compreender por empatia e por exotopia, pois envolve o esforço de colocar-se no lugar do outro para compreensão aproximada do que pensa, sente, fala, silencia. Mas, envolve também encostar-se nas árvores do quintal, afastar-se um pouco dos achadouros da escuta e pensar a respeito dos encontros e dos encontrados.

Escutar essas ideias, essas palavras outras, tentar dialogar com elas me fez recolocar a suposição de que a escuta da Matemática vivida pelas crianças na escola pode contribuir para a aprendizagem e para o ensino da geometria na educação infantil. Essa escuta que é diálogo substancial, oportunizada pelos professores e pesquisadores, aberta para a liberdade da palavra das crianças pode levá-las a pensar o seu pensamento, e ao fazê-lo promover a compreensão de conceitos matemáticos. Além disso, tal escuta pode propiciar aos professores o encontro com o pensar matemático das crianças e com as possibilidades de ensino que envolvam o diálogo entre essas singularidades e os conhecimentos matemáticos a serem trabalhados com as crianças. Enfim, os achados iniciais também podem contribuir para a minha postura como professora que, em se fazendo pesquisadora, está descobrindo a escuta em um viés teórico e metodológico de pesquisa, em um movimento de implicar-se no campo,

de tentar não trabalhar sobre o outro (crianças, professoras, atividades, brincadeiras, depoimentos, gestos, olhares etc, mas com o outro, num espaço onde o imprevisto, o inesperado pode ser acolhido porque é próprio da vida e, portanto, da ciência.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

_____. **Por uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BARROS, M. No descomeço era o verbo. Só depois é... In: BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2011.

BASSINELO, P. Z. Uma viagem pelo diálogo da escuta. In: GEGe/UFSCar (Org.). **A escuta como lugar de diálogo: alargando os limites da identidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p. 319-328.

CARACELLI, C. Resposta de uma ausculta – um ato de compreensão: um encontro de vozes de Augusto Ponzio, João Wanderley Geraldi, Luciano Ponzio, Suzan Pretrilli e Valdemir Miotello. In: GEGe/UFSCar (Org.). **Escuta como lugar do diálogo: alargando os limites da identidade**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p.65-88.

PONZIO, A. **Dialogando sobre diálogo na perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

Trabalho recebido em: 16/03/2017

Aceito em: 16/11/2017

Publicado em: 27/12/2017

COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO:

ZOGAIB, Simone Damm. Achadouros de uma escuta do outro e do eu: vestígios encontrados no “quintal bakhtiniano”. **Revista Pró-Discente**, Vitória, v. 23, n. 2, p. 22-33, jul./dez. 2017.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 23, n. 2, p. 22-33, jul./dez. 2017.